



JANELA

Sempre acho curioso o fato de eu dar preferência a lugares com iluminação amarelada e com vista para algum lugar. Hoje não foi diferente. Encontrei, em meio a esse prédio branco e gélido, uma sala de aula sem uso aparente. Era morna, não muito grande e tinha uma janela com vista para a rua. Ah, a rua! Lá fora, a vida corre.

A árvore, com galhos compridos e folhas finas, farfalhava sobre duas amigas que gargalhavam e fumavam durante seus intervalos de trabalho. Do outro lado, hieróglifos estavam inscritos na parede de lajotas do prédio. Do prédio desciam um pai, uma mãe e um filho, indo em direção a um lugar que desconheço.

Curiosamente, carros pretos: um americano, um inglês e outro alemão. Será a hegemonia monocromática dando seus primeiros sinais após séculos de adormecimento? Não sei. Sei que a vida corre como as águas de um rio e seus afluentes e se renova. Tudo se renova.

Guilherme Tokarski Ossaiff de Souza

3º ano / Balneário Camboriú

2024